

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Respirar sob a redoma: saúde mental e modos de existir na docência contemporânea

Daniela Maman

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18046>

Submetido em: 2026-09-12

Postado em: 2026-10-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

RESPIRAR SOB A REDOMA: saúde mental e modos de existir na docência contemporânea

Breathing beneath the bell jar: mental health and ways of existing in contemporary teaching

Respirar bajo la campana de cristal: salud mental y modos de existir en la docencia contemporânea

Daniela De Maman*

*Prof^a. Dr^a. Psicóloga. Docente na Universidade Estadual do Paraná. Unioeste. E-mail: danielademamam@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9258-7974>

Resumo: A saúde mental na docência é atravessada pelas condições de trabalho, pelas exigências de cuidado e pelos modos contemporâneos de viver e trabalhar. Este estudo teve como objetivo cartografar experiências de saúde mental vivenciadas por professoras da Educação Infantil, buscando compreender como o cotidiano docente atravessa seus modos de subjetivação e suas possibilidades de existir. Inspirada na imagem da redoma presente em *A redoma de vidro*, de Sylvia Plath, a pesquisa foi desenvolvida na perspectiva cartográfica e acompanhou dez professoras da rede pública municipal do sudoeste do Paraná ao longo de dois anos. As narrativas e os registros do diário de bordo evidenciaram movimentos nos quais a vida docente continua sob múltiplas exigências, o ar se torna rarefeito diante da sobrecarga e da sensação de insuficiência e, nos encontros, abrem-se frestas capazes de restituir circulação à vida. A cartografia tornou visível uma assimetria do cuidado: professoras cotidianamente convocadas a acolher, proteger e cuidar nem sempre encontram condições equivalentes para serem cuidadas. Os resultados evidenciam que a saúde mental docente se produz nas relações entre trabalho, cuidado, afetos e condições concretas de existência, deslocando interpretações centradas exclusivamente no indivíduo.

Palavras-chave: Cartografia; Cuidado; Docência; Saúde mental; Subjetividade.

Abstract: Teachers' mental health is shaped by working conditions, care demands, and contemporary ways of living and working. This study aimed to map the mental health experiences of Early Childhood Education teachers, seeking to understand how everyday teaching practices shape their processes of subjectivation and possibilities of existence. Inspired by the image of the bell jar in Sylvia Plath's *The Bell Jar*, the research was conducted from a cartographic perspective and followed ten teachers from the municipal public school system in southwestern Paraná, Brazil, over a two-year period. The narratives and field diary records revealed movements in which teaching life continues under multiple demands, the air becomes rarefied in the face of overload and feelings of insufficiency, and, through encounters, openings emerge that restore circulation to life. The cartography made visible an asymmetry of care: teachers who are daily called upon to welcome, protect, and care for others do not always find equivalent conditions in which to be cared for themselves. The findings show that teachers' mental health is produced through the relationships among work, care, affects, and the concrete conditions of existence, challenging interpretations centered exclusively on the individual.

Keywords: Cartography; Care; Teaching; Mental health; Subjectivity.

Resumen: La salud mental en la docencia está atravesada por las condiciones de trabajo, las exigencias del cuidado y los modos contemporáneos de vivir y trabajar. Este estudio tuvo como objetivo cartografiar experiencias de salud mental vividas por profesoras de Educación Infantil, buscando comprender cómo la vida cotidiana docente atraviesa sus modos de subjetivación y sus posibilidades de existir. Inspirada en la imagen de la campana de cristal presente en *La campana de cristal*, de Sylvia Plath, la investigación se desarrolló desde una perspectiva cartográfica y acompañó a diez profesoras de la red pública municipal del suroeste de Paraná, Brasil, durante dos años. Las narrativas y los registros del diario de campo evidenciaron movimientos en los que la vida docente continúa bajo múltiples exigencias, el aire se vuelve más escaso ante la sobrecarga y la sensación de insuficiencia y, en los encuentros, se abren grietas capaces de devolver circulación a la vida. La cartografía hizo visible una asimetría del cuidado: las profesoras, cotidianamente convocadas a acoger, proteger y cuidar, no siempre encuentran condiciones equivalentes para ser cuidadas. Los resultados evidencian que la salud mental docente se produce en las relaciones entre trabajo, cuidado, afectos y condiciones concretas de existencia, desplazando interpretaciones centradas exclusivamente en el individuo.

Palabras clave: Cartografía; Cuidado; Docencia; Salud mental; Subjetividad.

1 SOB A REDOMA: quando o mundo continua lá fora

“O silêncio me deprimia. Não era o silêncio do silêncio. Era o meu próprio silêncio.” (Plath, 2023, p. 26).

Há formas de sofrimento que não interrompem imediatamente o curso da vida. O trabalho continua exigindo presença, as tarefas cotidianas seguem convocando respostas e o mundo permanece em movimento. Ainda assim, alguma coisa pode se fechar silenciosamente sobre a existência. Em *A redoma de vidro*, Plath (2023) constrói a imagem de um mundo que permanece visível do lado de fora, enquanto quem vive sob a redoma experimenta uma atmosfera capaz de restringir, pouco a pouco, as possibilidades de respirar.

A imagem oferece uma potente chave para pensar a saúde mental na docência contemporânea. As professoras continuam chegando às escolas, encontrando estudantes, preparando aulas e respondendo às múltiplas demandas que atravessam o cotidiano educativo. A rotina segue seu curso e o trabalho continua acontecendo. Entretanto, permanecer em funcionamento não significa, necessariamente, encontrar condições para sustentar a própria saúde mental. Sob a aparente continuidade da vida profissional, podem

coexistir cansaços, sentimentos de insuficiência, sobrecargas e formas de sofrimento que permanecem pouco visíveis, precisamente porque ainda não interromperam a capacidade de ensinar.

A saúde mental docente, nessa perspectiva, ultrapassa compreensões centradas exclusivamente no indivíduo ou na presença de diagnósticos. Ela se produz nas relações que constituem os modos de viver, trabalhar e existir. As experiências vivenciadas pelas professoras são atravessadas pelas condições concretas do trabalho, pelas exigências institucionais, pelos afetos e pelas relações que se estabelecem no cotidiano escolar. Estudos têm evidenciado diferentes processos de desgaste e adoecimento relacionados ao trabalho docente, demonstrando a necessidade de compreender essas experiências para além de explicações individualizantes (Gomes et al., 2023; Silva et al., 2023; Assunção & Abreu, 2019).

É nesse ponto que a imagem da redoma permite um deslocamento do olhar. Uma professora pode continuar vendo o mundo, cumprindo suas tarefas e sustentando as relações que o trabalho exige e, simultaneamente, experimentar uma progressiva restrição das possibilidades de habitar a própria existência. Pode continuar ensinando sem que isso signifique estar bem. Quantas formas de sofrimento permanecem silenciosas porque ainda não impediram alguém de continuar trabalhando?

Embora a literatura venha demonstrando importantes relações entre trabalho docente e saúde mental, torna-se necessário acompanhar as experiências subjetivas que se produzem no cotidiano, particularmente aquelas que permanecem invisibilizadas pela continuidade do funcionamento profissional. Interessa compreender como determinadas formas de sofrimento atravessam os modos de existir das professoras e quais movimentos podem ampliar ou restringir suas possibilidades de viver o trabalho.

Partindo dessa problematização, este artigo teve como objetivo cartografar experiências de saúde mental vivenciadas por professoras, buscando compreender como as exigências do cotidiano docente atravessam seus modos de subjetivação e suas possibilidades de existir. Inspirada na imagem da redoma Plath (2023) a análise procura acompanhar experiências nas quais o mundo continua exigindo presença e movimento, enquanto a existência pode experimentar formas silenciosas de enclausuramento.

2 O AR QUE SE TORNA RAREFEITO: subjetividade, trabalho e saúde mental na docência

A imagem da redoma permite acompanhar experiências nas quais a continuidade da vida cotidiana não corresponde, necessariamente, à preservação das condições subjetivas de existência. Na docência, muitas professoras seguem ensinando, sustentando vínculos e respondendo às demandas institucionais mesmo quando o cansaço, a sobrecarga e os sentimentos de insuficiência passam a atravessar intensamente seus modos de viver. O sofrimento psíquico, nessa direção, nem sempre se anuncia pela interrupção do trabalho; pode coexistir com sua continuidade e permanecer pouco visível justamente porque, aparentemente, tudo continua funcionando.

Essa compreensão exige deslocar interpretações que localizam a saúde mental exclusivamente no interior dos sujeitos. Conforme discutem Rolnik (2016); Foucault (2004), e Deleuze (2002) e, os modos de sentir, desejar e existir são produzidos nas relações históricas, sociais e institucionais que atravessam a vida. A subjetividade não corresponde, portanto, a uma essência individual previamente constituída, mas constitui-se continuamente nos encontros, nas práticas e nas experiências que compõem a existência. Na docência, aquilo que acontece no trabalho ultrapassa os limites formais da instituição educativa e participa da maneira como as professoras se relacionam consigo mesmas, com os outros e com o mundo.

É nesse movimento que a Educação Infantil ocupa uma posição singular. Reconhecida como primeira etapa da Educação Básica, essa modalidade organiza-se a partir da indissociabilidade entre educar e cuidar, reconhecida nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e reafirmada pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018; Brasil, 2009). O trabalho docente envolve, assim, não apenas práticas pedagógicas, mas a construção cotidiana de vínculos, a escuta, o acolhimento e a sustentação das experiências vividas pelas crianças.

Ao problematizarem essa centralidade, Batista & Canavieira (2025) afirmam:

Pensar na centralidade do cuidado na educação infantil e, a partir daí, sustentar o cuidar como fundamento ético e político para uma pedagogia da infância que reconheça o cuidar em suas três dimensões: o cuidado de si, o cuidado com o outro e ser cuidado (Batista & Canavieira 2025, p.10).

Essa compreensão permite reconhecer a complexidade de um trabalho que mobiliza intensamente afetos e investimentos subjetivos. A professora não atua apenas na organização das experiências educativas, mas torna-se referência nas relações cotidianas que sustentam a vida coletiva. Em profissões historicamente feminilizadas, entretanto, a disponibilidade para cuidar pode ser naturalizada como atributo individual, intensificando

expectativas de responsabilização afetiva e tornando menos visível o trabalho emocional implicado na docência (Maman, 2025; Zanello, 2018).

Sob determinadas condições, essa intensa mobilização afetiva pode transformar-se em fonte de desgaste. Como demonstra Dejours (1992), o sofrimento relacionado ao trabalho não decorre exclusivamente das características individuais dos trabalhadores, mas das relações estabelecidas entre os sujeitos, a organização do trabalho e as possibilidades de atribuir sentido e reconhecimento àquilo que realizam. Quando as exigências cotidianas se intensificam sem que existam condições suficientes para elaboração, transformação ou compartilhamento das experiências, o trabalho pode restringir progressivamente as possibilidades de existir.

As transformações contemporâneas da docência tornam esse cenário ainda mais complexo. Relatórios internacionais têm apontado desafios relacionados à ampliação das responsabilidades profissionais, às condições institucionais e às expectativas sociais dirigidas aos professores (UNESCO, 2023; ILO, 2022). No Brasil, estudos evidenciam pressões organizacionais, sobrecarga e diferentes fatores psicossociais associados ao trabalho docente (Assunção & Abreu, 2019).

As revisões recentes sobre o adoecimento docente reforçam a complexidade dessas relações ao apontarem a recorrência de experiências relacionadas ao estresse, à exaustão emocional, à ansiedade e ao burnout entre professores (Santos, 2024; Gomes et al., 2023; Silva et al., 2023). Ao sistematizarem evidências sobre os fatores psicossociais do trabalho, Gomes et al. (2023) destacam:

Evidências científicas apontam para uma associação entre os fatores psicossociais do trabalho e o adoecimento de professores. Predominaram na amostra estudos que constataram a presença de adoecimento mental e físico entre professores que relataram baixo apoio social, sobrecarga de trabalho, alta demanda e menor controle no trabalho (Gomes et al., 2023, p. 7).

Tais evidências deslocam a compreensão do sofrimento para além de explicações centradas na fragilidade ou incapacidade individual. Nessa direção, os processos de desgaste profissional podem ser compreendidos a partir da articulação entre exigências ocupacionais, relações institucionais e recursos disponíveis para enfrentar as dificuldades cotidianas (Carlotto, 2012). Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Han (2017), ao evidenciar como os imperativos contemporâneos de desempenho e disponibilidade podem produzir experiências nas quais continuar se torna uma exigência permanente, enquanto o cansaço passa a ser vivido como insuficiência pessoal.

É nesse ponto que a metáfora da redoma adquire potência analítica. O mundo continua existindo, as demandas seguem chegando e o trabalho permanece exigindo presença; entretanto, as condições subjetivas para habitar esse mundo podem tornar-se progressivamente mais estreitas (Autor, {referência anonimizada}, 2026). A redoma não representa uma prisão localizada no interior de um indivíduo, mas permite pensar relações e condições que restringem a circulação da existência, tornando os afetos mais difíceis de elaborar e aquilo que sustentava a vida progressivamente mais pesado.

Pensar a saúde mental apenas a partir do adoecimento, contudo, significaria reduzir a experiência humana às suas formas de interrupção. As discussões no campo da promoção da saúde deslocam esse olhar para as condições sociais, coletivas e relacionais que participam da produção da vida (Czeresnia & Freitas, 2003; Brasil, 2001). Nessa direção, a saúde não corresponde a um estado fixo de equilíbrio, mas constitui-se nos encontros e nas condições que podem ampliar ou restringir as possibilidades de existência.

As contribuições da saúde coletiva também permitem compreender que aquilo que é vivido singularmente expressa relações éticas, sociais e políticas mais amplas. Ao discutir os processos de exclusão e sofrimento, Sawaia (2009) chama atenção para a necessidade de reconhecer as condições que produzem determinadas experiências, enquanto, Dimenstein (2001) destaca a importância de deslocar práticas centradas exclusivamente no indivíduo para a construção coletiva de possibilidades de vida.

Na docência, produzir saúde pode significar criar espaços nos quais as experiências deixem de permanecer inteiramente isoladas e possam encontrar escuta, reconhecimento e compartilhamento. Os encontros coletivos, os vínculos e as possibilidades de elaborar aquilo que atravessa o cotidiano não eliminam as dificuldades que compõem o trabalho, mas podem produzir deslocamentos diante das condições que restringem a vida. Respirar, sob essa perspectiva, não constitui apenas um gesto individual: é também uma experiência que pode ser produzida nas relações.

Assim, a redoma permite acompanhar simultaneamente aquilo que restringe e aquilo que torna possível voltar a respirar. O sofrimento não aparece como falha individual, assim como a saúde não corresponde a uma conquista exclusivamente pessoal. Ambos se produzem nos territórios de vida e trabalho, nas relações que atravessam os corpos e nos encontros capazes de ampliar ou diminuir a potência de existir. É a partir dessa compreensão que se torna possível acompanhar as experiências das professoras,

buscando compreender as condições que tornam a docência, em determinados momentos, um território mais ou menos respirável.

3. ATRAVERSSAR A REDOMA: percursos cartográficos da pesquisa

Atravessar a redoma, neste estudo, significou percorrer os espaços onde a vida docente acontece e acompanhar os encontros, afetos e narrativas que emergiram no cotidiano das instituições educativas. A investigação foi sendo constituída no próprio movimento do campo, ao longo de um percurso pelas escolas que permitiu aproximar-se dos modos pelos quais as professoras vivem, sentem e significam a docência.

A pesquisa integra o projeto institucional Subjetividade na contemporaneidade: eu e o eu social, iniciado em 2023 e ainda em desenvolvimento, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Unioeste/PR, sob CAAE nº 68484023.8.0000.0107. O projeto desenvolvido no contexto educacional do município de Francisco Beltrão da região sudoeste do Paraná. O projeto, em seu viés mais amplo, acompanha processos de subjetivação produzidos nas relações entre sujeitos, instituições educacionais e seus modos contemporâneos de existência. No interior desse percurso investigativo, o recorte do estudo, voltou-se para as experiências de professoras da Educação Infantil e para as relações que se produzem entre trabalho, cuidado e saúde mental.

O campo foi sendo construído à medida que a pesquisa percorria o chão das escolas. Durante os anos de 2024 e 2025, foram realizadas aproximações e visitas a vinte e cinco instituições de Educação Infantil da rede pública municipal. Esse percurso envolveu um universo mais amplo de profissionais e experiências que, nos diferentes espaços e tempos do cotidiano escolar, passaram a compor o horizonte da investigação. Os encontros ocorreram especialmente durante momentos de hora-atividade, quando era possível interromper provisoriamente o ritmo das demandas institucionais para conversar sobre aquilo que atravessava a experiência docente.

Foi nesse caminhar que a saúde mental passou a constituir um dos fios das conversações. As experiências relacionadas ao trabalho, ao cuidado, às exigências institucionais, aos vínculos e às formas de sofrimento presentes no cotidiano docente emergiram progressivamente nos diálogos estabelecidos durante as visitas. Cada aproximação produzia novas questões e deslocava o olhar da pesquisadora, permitindo acompanhar aquilo que se tornava sensível quando as professoras encontravam tempo e espaço para falar sobre a própria experiência.

Entre as profissionais que participaram das conversações ao longo do percurso, dez professoras aceitaram compartilhar mais diretamente suas narrativas e formalizaram sua participação mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esse grupo constituiu o recorte empírico analisado neste estudo.

Para preservar o anonimato e assegurar a confidencialidade das participantes, suas narrativas foram identificadas ao longo do texto como Professora A, Professora B, Professora C e assim sucessivamente. Utiliza-se o termo professoras para designar especificamente as participantes da pesquisa, considerando que o grupo empírico foi integralmente composto por mulheres. Nas referências à produção científica e à categoria profissional em sentido amplo, preserva-se a terminologia adotada pelos respectivos autores, incluindo o emprego do termo professores quando utilizado para designar o conjunto da categoria docente.

As conversações constituíram espaços de escuta e interlocução sobre os modos de viver a docência na infância, os vínculos construídos no cotidiano escolar, as exigências do cuidado e as afetações produzidas pela vida profissional. Mais do que recolher respostas isoladas, o percurso permitiu acompanhar narrativas que ganhavam sentidos nos próprios encontros, atravessadas pelas experiências compartilhadas e pelas relações que se produziam naquele espaço coletivo.

Tabela 1 - Composição do campo cartográfico e fontes que atravessam o percurso investigativo

Dimensão do percurso	Composição do campo	O que passou a ser acompanhado
Territórios educacionais	25 instituições públicas de Educação Infantil percorridas durante 2024 e 2025	Cotidianos institucionais, relações e acontecimentos que atravessavam a docência
Conversações	Encontros realizados, especialmente, nos momentos de hora-atividade	Narrativas sobre trabalho, cuidado, vínculos, exigências e saúde mental
Participantes deste recorte	Dez professoras que formalizaram participação mediante TCLE	Experiências diretamente compartilhadas sobre os modos de viver a docência
Diário de bordo	Registros produzidos durante a peregrinação pelo campo	Afetações, acontecimentos, deslocamentos e ressonâncias produzidas nos encontros
Perspectiva cartográfica	Acompanhamento processual das experiências	Relações, forças, movimentos e processos de subjetivação

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Paralelamente a esse movimento, a pesquisadora manteve um diário de bordo que acompanhou a peregrinação pelo campo. Nele foram registrados acontecimentos, encontros, conversações, deslocamentos, inquietações e afetações produzidas durante o percurso pelas instituições. O diário de bordo acompanhou o próprio processo de pesquisa, constituindo um espaço de registro e elaboração daquilo que acontecia nos encontros. Nessa direção, Oliveira & Barbosa (2022) compreendem o diário de pesquisa como uma forma de narrar e produzir conhecimento a partir dos acontecimentos que atravessam o percurso investigativo, enquanto Lima Costa & Farias (2024) destacam sua potência para acompanhar relações, movimentos e processos que escapam aos registros pontuais.

A opção por uma abordagem qualitativa decorreu da própria natureza das experiências acompanhadas. As relações entre saúde mental, trabalho e modos de existir envolvem significados, afetos, vínculos e experiências produzidas em contextos concretos de vida. Minayo (2014) situa a investigação qualitativa no universo dos sentidos e das relações humanas, enquanto Creswell & Poth (2024) destacam sua contribuição para a compreensão de experiências e processos sociais a partir das narrativas e dos significados atribuídos pelos participantes ao mundo que vivem.

Como orientação metodológica, adotou-se a cartografia, compreendida como uma perspectiva ético-estético-política voltada ao acompanhamento de processos em movimento. A escolha metodológica atravessou a própria maneira de caminhar pelo campo: visitar, retornar, conversar, escutar e deixar-se afetar pelos acontecimentos produzidos nas instituições. Cartografar implicou acompanhar forças, relações, afetos e deslocamentos que emergiam na experiência, em vez de representar uma realidade como se estivesse pronta e acabada. Conforme Passos, Kastrup & Tedesco (2014), a cartografia acompanha processos e trajetórias, construindo conhecimento no plano comum produzido entre pesquisador e campo. Nessa perspectiva, Kastrup (2023) enfatiza a dimensão coletiva da experiência e da escrita cartográfica, enquanto Rolnik (2016) possibilita compreender a cartografia como acompanhamento dos movimentos que atravessam os territórios existenciais e os processos de subjetivação.

A pesquisadora ocupou uma posição implicada nesse percurso, uma vez que os encontros com as professoras também produziram questões, afetações e deslocamentos que passaram a compor a própria investigação. As narrativas compartilhadas nas conversações e os registros produzidos no diário de bordo foram acompanhados como

expressões de processos de subjetivação que se constituem nas relações entre trabalho, cuidado e modos contemporâneos de existir.

É nesse movimento que a imagem da redoma, inspirada em *A redoma de vidro* Plath (2023), aproxima-se do percurso metodológico. A redoma não funciona como descrição antecipada das experiências das participantes, mas como imagem analítica capaz de acompanhar aquilo que, nas relações cotidianas, pode restringir ou ampliar a circulação da vida. Tal como na obra literária, interessou à pesquisa acompanhar as condições que tornam determinadas experiências mais ou menos respiráveis, bem como os movimentos pelos quais outras possibilidades de existir podem emergir.

Mas eu não tinha certeza. Eu não tinha certeza de nada. Como eu poderia saber se um dia, na faculdade, na Europa, em algum lugar, em qualquer lugar, a redoma de vidro não desceria novamente sobre mim, com suas distorções sufocantes? (Plath, 2023, p. 270).

A dúvida que atravessa a narrativa de Plath (2023) aproxima-se de uma pesquisa que acompanha aquilo que permanece em movimento. Os processos vividos no campo não se encerram no momento em que são narrados, assim como as condições que podem restringir ou ampliar as possibilidades de existência continuam produzindo novos efeitos. Cartografar significou permanecer atenta às experiências que emergiam nas conversações, aos acontecimentos registrados no diário de bordo e às forças que atravessavam o cotidiano das professoras.

A partir desse percurso, as narrativas compartilhadas e os registros produzidos durante a pesquisa foram acompanhados em sua dimensão processual, cartografando as relações entre trabalho, saúde mental e modos de existir na docência da Educação Infantil. Os movimentos que emergiram no campo conduziram a análise pelas experiências que podem tornar a vida mais pesada e por aqueles encontros capazes de abrir brechas, produzir deslocamentos e restituir circulação à existência.

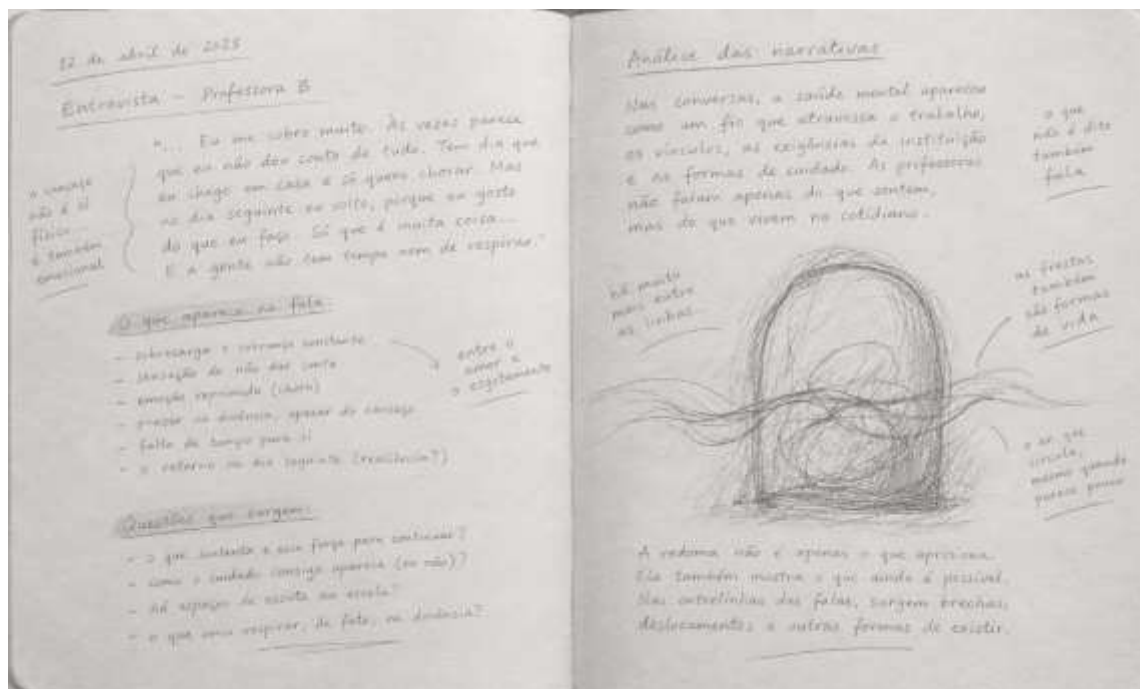
4 QUANDO A REDOMA DESCE: cartografias da vida docente

A cartografia produzida ao longo dos encontros com as dez professoras acompanhou experiências que se deslocavam entre cansaços, preocupações, vínculos, alegrias e possibilidades de permanência na docência. Cartografar implicou acompanhar processos em movimento e permanecer atenta às relações, aos afetos e às forças produzidas no próprio percurso (Kastrup, 2023; Passos, Kastrup & Tedesco, 2014). As pesquisas recentes sobre saúde mental e trabalho docente situam o sofrimento nas relações entre condições de trabalho, sobrecarga e fatores psicossociais (Santos, 2024;

Gomes et al., 2023; Silva et al., 2023; Assunção & Abreu, 2019). No campo acompanhado, essas experiências emergiram nas responsabilidades que se ampliavam, nas preocupações que ultrapassavam o horário de trabalho e na necessidade de encontrar espaços para compartilhar aquilo que afetava as professoras.

Os registros do diário de bordo acompanharam esses movimentos desde as primeiras aproximações com as instituições, constituindo-se como parte da elaboração das experiências e da produção do conhecimento (Lima Costa & Farias, 2024; Oliveira & Barbosa, 2022). Foi desse percurso que emergiram as três imagens metafóricas que organizam esta cartografia: sob o vidro, quando a vida docente continua em meio às múltiplas exigências; o ar rarefeito, quando essa continuidade passa a exigir um esforço cada vez maior; e as frestas do vidro, quando os encontros devolvem circulação àquilo que começava a permanecer encerrado. Não constituem categorias previamente definidas, mas imagens produzidas no acompanhamento das narrativas, das visitas às instituições e das afetações registradas durante a peregrinação pelo campo.

Figura 1 - Movimentos cartográficos da vida docente sob a imagem da redoma



Fonte: Fragmentos do diário de bordo da pesquisadora, produzidos no percurso da pesquisa (abril de 2025).

Nas escolas percorridas, as professoras seguiam ensinando, organizando a rotina, acolhendo as crianças, conversando com as famílias e respondendo às situações que

chegavam diariamente à instituição. O trabalho não parava quando surgiam o cansaço ou as preocupações:

“Eu amo o que faço, mas tem dias em que parece que o corpo não acompanha mais. A gente vai acumulando cansaço, preocupações e responsabilidades. Mesmo assim, no outro dia, volta porque sabe que as crianças estão esperando.” (Professora H).

A permanência não eliminava o cansaço. O vínculo com o trabalho e com as crianças coexistia com o peso das responsabilidades, revelando uma experiência situada nas condições concretas em que a docência se realiza (Gomes et al., 2023; Assunção & Abreu, 2019). Na Educação Infantil, ensinar implicava também acolher, observar, proteger e acompanhar situações que ultrapassavam a dimensão estritamente pedagógica, reafirmando a centralidade ética e política do cuidado nesse contexto (Batista & Canavieira, 2025).

Essa experiência ultrapassava os limites físicos da jornada:

“Às vezes a gente vai embora, mas não consegue deixar tudo aqui. Você fica pensando na criança, na família, no que aconteceu durante o dia. Parece que algumas coisas vão junto com a gente para casa.” (Professora C).

A escola não se encerrava inteiramente quando a professora deixava a instituição. Determinadas situações continuavam produzindo efeitos nos pensamentos e nas preocupações cotidianas, evidenciando que a educação, como prática social, também se constitui na intensidade das relações e responsabilidades que atravessam a vida docente (Suanno, Chaves & Rosa, 2020; Maman, 2026; Maman, 2025).

O ar rarefeito: quando a vida começa a pesar

À medida que o percurso avançava, as narrativas aproximavam a pesquisadora de experiências nas quais continuar exigia um esforço maior. O ar rarefeito aparecia nas preocupações acumuladas, na autocobrança e na sensação de nunca conseguir responder plenamente às demandas:

“Parece que sempre fica alguma coisa. Quando você pensa que resolveu uma situação, aparece outra. Tem criança precisando, tem família procurando, tem coisa para preparar. Às vezes eu tenho a sensação de que nunca consigo fazer tudo.” (Professora F).

“Tem dias em que você chega em casa cansada e parece que continua trabalhando por dentro. Você fica lembrando de alguma situação, pensando se fez certo, se poderia ter feito diferente.” (Professora E).

As duas narrativas revelam que o trabalho não permanecia apenas nas tarefas realizadas durante a jornada, mas também nos afetos, nas dúvidas e nas situações que continuavam exigindo elaboração. As revisões recentes sobre adoecimento docente associam essas experiências às altas demandas, à sobrecarga e às fragilidades nas condições de trabalho e apoio social (Santos, 2024; Gomes et al., 2023; Silva et al., 2023), enquanto Codo e Jacques (2002) e Dejours (1992) permitem compreender os efeitos produzidos pela organização do trabalho sobre a existência de quem trabalha.

A intensidade dessa responsabilização também se aproximava das expectativas socialmente construídas em torno do cuidado feminino. Zanello (2018) mostra como processos culturais participam da distribuição das responsabilidades e dos modos de subjetivação. Uma professora expressou o limite dessa disponibilidade:

“Às vezes eu penso que precisava dar conta de mais, fazer mais, ajudar mais. Mas chega uma hora em que você percebe que também está cansada e não sabe mais onde colocar tudo isso.” (Professora G).

O limite não aparecia como ausência de compromisso, mas como encontro entre uma disponibilidade continuamente exigida e as possibilidades concretas de quem vive essa experiência. Os afetos carregam marcas das condições coletivas que organizam a existência (Safatle, 2015; Sawaia, 2009), enquanto a exigência permanente de fazer, responder e continuar aproxima-se dos imperativos contemporâneos discutidos por Han (2017). Sob a imagem da redoma, a professora continuava presente, cuidando e ensinando, embora a respiração passasse a exigir outro esforço.

As frestas do vidro: encontros que devolvem circulação à vida

acompanhou encontros capazes de produzir reconhecimento e pertencimento:

“Se não fossem as colegas, eu acho que já teria desistido. Tem dias que a gente chega cansada, preocupada, e só de conversar com alguém que entende o que estamos vivendo parece que fica mais leve.” (Professora D).

Os registros do diário de bordo acompanharam palavras, pausas, silêncios, risos e lembranças compartilhadas. Uma narrativa frequentemente chamava outra, fazendo com que aquilo que inicialmente aparecia como experiência particular adquirisse espessura coletiva. A escrita cartográfica permite acompanhar justamente essa produção de sentidos nos encontros (Kastrup, 2023), enquanto os diários constituem espaços de elaboração das experiências vividas (Lima Costa & Farias, 2024; Oliveira & Barbosa, 2022).

As crianças também apareciam como parte dessas frestas:

“Tem dias muito difíceis, mas quando uma criança consegue algo que parecia impossível, parece que tudo ganha sentido de novo.” (Professora A).

“A gente se sente cansada, mas também aprende muito com as crianças. Elas fazem a gente continuar.” (Professora B).

As narrativas revelam que o mesmo trabalho capaz de produzir desgaste também podia produzir sentido. O vínculo com as crianças ampliava responsabilidades, mas constituía igualmente uma fonte de potência para permanecer. Essa coexistência aproxima-se da compreensão do cuidado como dimensão ética e política da Educação Infantil (Batista & Canavieira, 2025) e da saúde como produção relacional, atravessada pelas condições coletivas de vida e pelas possibilidades abertas nos encontros (Czeresnia & Freitas, 2003; Dimenstein, 2001). Nas conversações, aquilo que permanecia naturalizado podia voltar a ser percebido, nomeado e compartilhado, produzindo deslocamentos na experiência (Larrosa, 2019).

Tabela 2 - Cartografia da redoma: experiências que restringem e encontros que devolvem circulação à vida docente

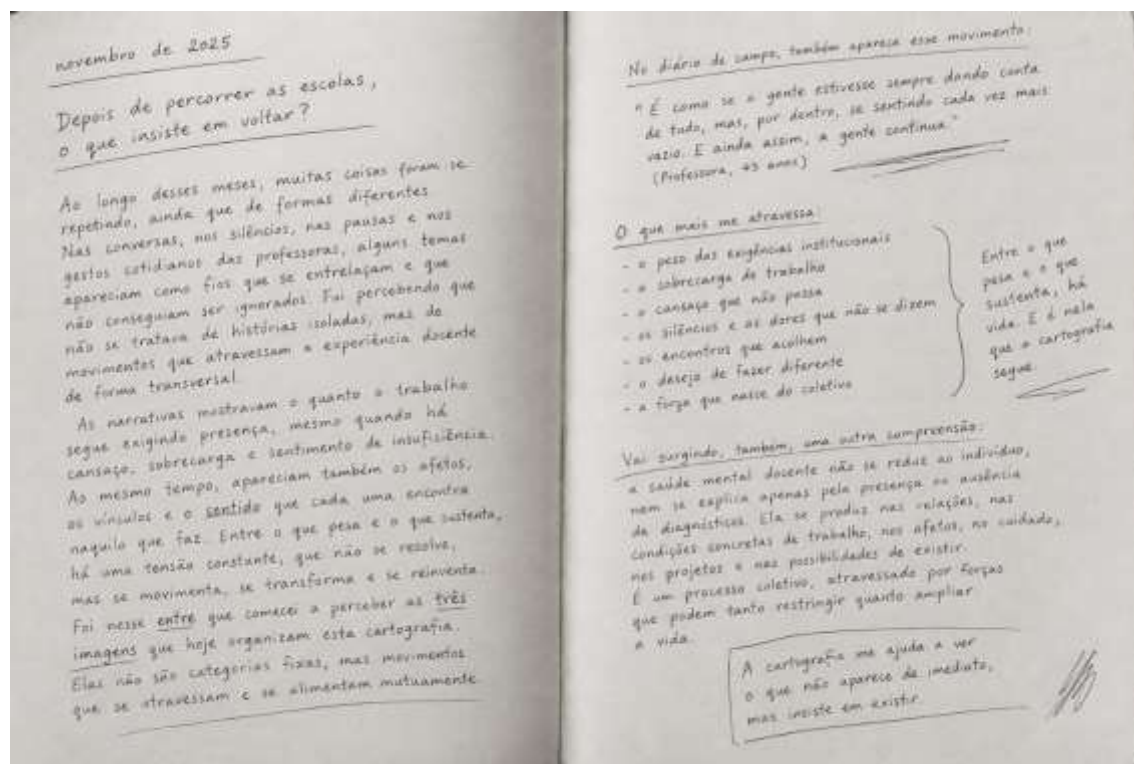
Movimentos cartográficos	Narrativas experiências emergiram percurso	e Forças que atravessam a experiência docente	Movimentos de circulação
Sob o vidro	Continuidade do ensino e do cuidado; responsabilidades que acompanham a professora para além da jornada	Intensificação das demandas, centralidade do cuidado e ampliação das responsabilidades	Reconhecimento do sentido atribuído à docência e aos vínculos com as crianças
O ar rarefeito	Cansaço, preocupação permanente, autocobrança e sensação de nunca conseguir fazer tudo	Sobrecarga, altas demandas, desgaste e fatores psicossociais relacionados ao trabalho	Compartilhamento das experiências e reconhecimento das condições coletivas que produzem sofrimento
As frestas do vidro	Escuta, vínculos entre colegas, reconhecimento e experiências que devolvem sentido ao cotidiano	Produção coletiva de cuidado, pertencimento e reciprocidade nos encontros	Relações capazes de restituir circulação à vida e ampliar as possibilidades de existir

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir das narrativas das participantes e dos registros do diário de bordo (2023–2025).

A Tabela 2 sintetiza um movimento central acompanhado pela cartografia: as experiências docentes não se organizam em polos fixos de sofrimento e bem-estar. Uma

mesma relação podia comportar exigências e potência; o vínculo com as crianças podia ampliar a responsabilidade e, simultaneamente, produzir sentido; os encontros com as colegas podiam abrir espaços de reconhecimento e devolver circulação àquilo que começava a permanecer encerrado.

Figura 2 - O que pesa, o que permanece, o que circula: um registro do diário de bordo



Fonte: Fragmentos do diário de bordo da pesquisadora, produzidos no percurso da pesquisa (novembro de 2025).

Ao final do percurso, emergiu um movimento que ultrapassava a identificação dos fatores associados ao adoecimento docente. O cuidado circulava intensamente em direção às crianças, às famílias e às múltiplas demandas do cotidiano escolar, mas encontrava maior dificuldade para retornar às professoras que cotidianamente o sustentavam. A centralidade do cuidado na Educação Infantil (Batista & Canavieira, 2025), os processos de responsabilização que atravessam a subjetivação feminina (Zanello, 2018) e a compreensão relacional da saúde mental e da bidirecionalidade do cuidado (Maman, 2026; Maman, 2025) ajudam a compreender esse achado.

A cartografia tornou visível, assim, uma assimetria do cuidado: continuar cuidando não significava não precisar de cuidado. Sob a redoma, a vida seguia acontecendo. Em alguns momentos, o ar parecia rarear; em outros, pequenas frestas permitiam que a experiência voltasse a circular. Foi acompanhando esses movimentos que a pesquisa encontrou sua principal descoberta, cuja potência e implicações para a saúde mental docente serão retomadas nas considerações finais.

6 ONDE O AR ENCONTRA PASSAGEM: considerações finais

A travessia proposta neste estudo, inspirada na imagem da redoma presente na obra *A redoma de vidro* (Plath, 2023), permitiu acompanhar dimensões da vida docente que frequentemente permanecem pouco visíveis nas discussões sobre saúde mental na Educação Infantil. Ao percorrer escolas, encontros, conversações e narrativas produzidas ao longo da pesquisa, tornou-se possível compreender que a experiência docente não se organiza em uma oposição simples entre saúde e adoecimento. Há professoras que continuam ensinando, cuidando, acolhendo e sustentando cotidianamente a vida escolar enquanto, simultaneamente, enfrentam cansaço, preocupação, sobrecarga e restrições às próprias possibilidades de existir.

A metáfora da redoma tornou visível essa condição paradoxal. O mundo permanece acontecendo, as crianças continuam chegando e as demandas não cessam, mas determinadas experiências podem tornar progressivamente mais difícil habitar esse cotidiano. O ar rarefeito cartografado nas narrativas remete, assim, às relações entre exigências do trabalho, responsabilidades implicadas no cuidado e condições concretas que atravessam os modos de sentir e viver das professoras. O sofrimento relacionado à docência não pode, portanto, ser compreendido como experiência produzida exclusivamente na interioridade de quem o vive, mas nas relações que organizam o trabalho, distribuem responsabilidades e sustentam — ou restringem — determinadas possibilidades de existência.

Foi nesse percurso que a cartografia encontrou um de seus principais achados: uma assimetria do cuidado. As professoras eram cotidianamente convocadas a cuidar, acolher, observar, proteger e responder às necessidades das crianças e das famílias, enquanto o cuidado encontrava maior dificuldade para retornar àquelas que o sustentavam. A questão quem cuida de quem cuida? Nesse sentido, deixou de constituir

apenas um recurso retórico e passou a expressar uma questão ética e política para pensar a saúde mental na Educação Infantil. Continuar cuidando não significava não precisar de cuidado.

As frestas encontradas ao longo da pesquisa ajudam a compreender que essa assimetria não é inevitável, estas apareceram nos encontros entre colegas, nas experiências de reconhecimento, nos momentos de escuta e nas possibilidades de compartilhar aquilo que, vivido solitariamente, tendia a tornar-se ainda mais pesado. As conversações realizadas nas instituições interrompiam, ainda que brevemente, a continuidade acelerada do cotidiano: aquilo que permanecia disperso entre tarefas, responsabilidades e preocupações encontrava palavras, escuta e ressonância. Uma experiência narrada por uma professora podia encontrar eco na fala de outra, deslocando a compreensão de que determinadas dificuldades pertenciam exclusivamente a quem as vivia.

Esses movimentos não eliminam as condições que produzem sofrimento, tampouco transferem para os vínculos individuais a responsabilidade por resolver problemas institucionais. Sua potência está em mostrar que o cuidado pode deixar de circular em uma única direção. Pensar a saúde mental das professoras exige, portanto, ultrapassar intervenções restritas ao enfrentamento individual de situações já agravadas e perguntar pelas condições institucionais que permitem escuta, reconhecimento, compartilhamento das responsabilidades e construção coletiva de formas mais sustentáveis de viver e trabalhar.

A cartografia acompanhou dez professoras em um contexto específico e não pretende universalizar suas experiências. Sua contribuição está em tornar visíveis movimentos frequentemente naturalizados na continuidade do cotidiano: o cuidado que transborda os limites da jornada, a preocupação que acompanha o retorno para casa, o cansaço que permanece silencioso e a permanência no trabalho que pode coexistir com o estreitamento das próprias condições de existir. Ao acompanhar esses movimentos, a pesquisa mostrou algo que a simples identificação de fatores associados ao adoecimento não alcançaria da mesma maneira: é possível que a vida continue funcionando enquanto, pouco a pouco, diminui o espaço para respirar.

Onde o ar encontra passagem, talvez seja a pergunta que permanece depois desta travessia. A redoma pode descer novamente, pois as condições que restringem a vida não desaparecem definitivamente. Mas a cartografia também mostrou que a existência se produz nas relações e que determinadas passagens podem devolver circulação àquilo que

começava a permanecer encerrado. Construir essas passagens talvez constitua uma das tarefas mais urgentes da educação: produzir relações e instituições nas quais quem cuida também encontre condições para ser cuidado, respirar e continuar existindo.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; ABREU, Mery Natali Silva. Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da educação básica no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, supl. 1, e00169517, 2019. DOI: 10.1590/0102-311X00169517.

BATISTA, E. P.; CANAVIEIRA, F. O. Fabulando a centralidade do cuidado na educação infantil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 51, e286779, 2025. DOI: 10.1590/S1678-4634202551286779.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Promoção da saúde: Declaração de Alma-Ata, Carta de Ottawa, Declaração de Adelaide, Declaração de Sundsvall, Declaração de Santaafé de Bogotá, Declaração de Jacarta, Rede de Megapaíses e Declaração do México*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001.

CARLOTTO, Mary Sandra. *Síndrome de burnout em professores: avaliação, fatores associados e intervenção*. Porto Alegre: LivPsic, 2012.

CODO, Wanderley; JACQUES, Maria da Graça Corrêa. *Saúde mental e trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CRESWELL, John W.; POTH, Cheryl N. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. 5. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2024.

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. DOI: 10.7476/9788575413531.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra. O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 2, p. 57-63, 2001. DOI: 10.1590/S1413-73722001000200008.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981–1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIANNINI, Suely Pereira Pires; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira; FERREIRA, Leslie Piccolotto. Distúrbio de voz e estresse no trabalho docente: um estudo caso-controle. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 11, p. 2115-2124, 2012. DOI: 10.1590/S0102-311X2012001100011.

GOMES, N. R.; CASTRO-DE-ASSIS-SANTOS, C.; REZENDE, B. A.; DE-MEDEIROS, A. M. Fatores psicossociais do trabalho e o adoecimento de professores: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 21, n. 3, e20221014, 2023. DOI: 10.47626/1679-4435-2022-1014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. *World employment and social outlook: trends for teachers and education workers*. Geneva: ILO, 2022.

KASTRUP, Virgínia. Escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 35, e6393, 2023. DOI: 10.12957/riae.2023.80661.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LIMA COSTA, S.; FARIAS, I. M. S. de. O uso de diários nas pesquisas em educação no Brasil. *Horizontes*, v. 42, n. 1, e023154, 2024. DOI: 10.24933/horizontes.v42i1.1913.

MAMAN, Daniela De. Travessias da temporalidade e cartografias da saúde mental: bidirecionalidade do cuidado na docência. *Educação*, Santa Maria, v. 51, n. 1, e73, p. 1-22, 2026. DOI: 10.5902/1984644495596.

MAMAN, Daniela De. *Micropolíticas do encontro: saúde mental e relações de trabalho*. 1. ed. Cascavel: MC&G, 2026. DOI: 10.61367/9786561151610.

MAMAN, Daniela De. No ritmo das marés: cartografia de afetos e subjetividades na docência. *Educação*, Santa Maria, v. 50, n. 1, e123, 2025. DOI: 10.5902/1984644488735.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J. G. Diário de pesquisa, uma forma de narrar. *Crítica Educativa*, v. 8, n. 2, p. 1-23, 2022. DOI: 10.22476/revcted.v8.id547.

PASSOS, Eduardo; KASTUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PLATH, Sylvia. *A redoma de vidro*. Tradução de Ana Guadalupe. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2023.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, J. *Adoecimento psíquico de professores: revisão integrativa (2018–2023)*. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2024.

SAWAIA, Bader Burihan (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, J. C. da et al. Saúde mental, adoecimento e trabalho docente: uma revisão da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 27, e242262, 2023. DOI: 10.1590/2175-35392023-242262.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; CHAVES, Sandramara Matias; ROSA, Sandra Valéria Limonta (org.). *Educação como prática social, didática e formação de professores: contribuições de José Carlos Libâneo*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2020.

UNESCO. *Global report on teachers: addressing teacher shortages and transforming the profession*. Paris: UNESCO, 2023.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados estão disponíveis no corpo do texto do artigo conforme declarado no Formulário de Conformidade com a Ciência Aberta).

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autora: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Obtenção de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita:

rascunho original, Escrita: revisão e edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Durante a preparação deste manuscrito, foi utilizada a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT, da OpenAI, para apoio à revisão linguística e técnico-gramatical dos resumos nas línguas estrangeiras e para auxílio na diagramação (cor) das Figuras 1 e 2, no auxílio ilustrativo. Este auxílio produzido com apoio da ferramenta foi integralmente revisado, editado e validado pela autora, que assume total responsabilidade pelo conteúdo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.